



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-5 – Política e Economia da Informação

Desinformação digital em rede (DDR) e luta de classes

Networked digital disinformation (NDD) and class struggle

Marco André Feldman Schneider. IBICT. UFRJ.

Carlos Shigueki Oki. IBICT. UFRJ.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo explora a hipótese de que a desinformação digital em rede é frequentemente empregada como um recurso para proteger ou promover os interesses de certas frações das classes dominantes, em meio à configuração atual das lutas de classes. Discorre sobre os conceitos de desinformação e luta de classes. Classes sociais são historicamente determinadas pela posição dos sujeitos em meio às relações de produção, tensionadas pelo desenvolvimento das forças produtivas, fracionadas internamente e com interesses distintos, nem sempre conscientes. A partir de uma revisão teórica e fundamentada principalmente na Economia Política da Informação, aborda a desinformação como recurso usado para camuflar a luta de classes, favorecer narrativas ideologicamente reducionistas, parcial ou integralmente falaciosas e mesmo delirantes, por vezes veiculando discursos fascistas. Discute o controle dos meios de comunicação e das plataformas pelo capital em articulação com o crescente uso da desinformação na defesa do neoliberalismo e do conservadorismo. Considera que os estudos sobre as lutas de classe continuam pertinentes e que suas análises podem favorecer a compreensão e a reação aos processos infocomunicacionais que colaboram para a perpetuação da opressão e da alienação, sendo também fundamentais para compreender as relações sociais do século XXI mediado pela Internet.

Palavras-chave: desinformação digital em rede; luta de classes; meios de comunicação; fascismo.

Abstract: This article explores the hypothesis that networked digital disinformation is often used as a resource to protect or promote the interests of certain fractions of the ruling classes, amid the current configuration of class struggles. Social classes are historically determined by the position of subjects amid production relations, strained by the development of productive forces, internally fractionated and with distinct interests, not always aware. Based on a theoretical review based mainly on the Political Economy of Information, it addresses disinformation as a resource used to camouflage the class struggle, favoring ideologically reductionist narratives, partially or completely fallacious and even delusional, sometimes conveying fascist discourses. It discusses the control of the media and platforms by capital in conjunction with the growing use of disinformation in defense of neoliberalism and conservatism. It considers that studies on class struggles remain relevant and that their analysis can favor the understanding and reaction to infocommunicational processes that contribute to the perpetuation of oppression and alienation, being also fundamental to understand the social relations of the 21st century mediated by the Internet.

Keywords: networked digital disinformation; class struggle; media; fascism.



1 INTRODUÇÃO

Em março de 2022, Luka Safronov, jovem pianista russo, se acorrentava em frente a um restaurante da rede de fast food McDonald`s em protesto contra seu fechamento. Era mais uma consequência dos bloqueios econômicos ocidentais à Rússia, em resposta à guerra contra a Ucrânia¹. Nas redes sociais, o *Facebook* autorizava mensagens que pediam a morte do presidente russo Vladimir Putin² e simultaneamente liberava afagos aos combatentes ucranianos nazifascistas³. A imprensa *mainstream* apresentava o presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy como um herói da resistência, em um tom que nos remete às propagandas de um mundo polarizado durante guerra fria, onde se criavam heróis celestes e inimigos desumanos. Zelenskyy e Putin, no caso. Sem pretendermos tomar aqui partido, são personagens para serem consumidos, num quadro maniqueísta que faz pensar em “A sociedade do espetáculo”, de Debord (2016).

Tudo isso é transmitido ao mundo enquanto lucros são gerados para as grandes empresas de tecnologia entre *likes* e *dislikes*, visualizações e compartilhamentos. Se aproveitam também empresas que erguem suas indústrias bélicas, energéticas, alimentícias e de tecnologia em cima dos escombros da guerra. No meio da guerra de narrativas, que veicula uma disputa ideológica relativamente complexa, emergem visões de mundo esquemáticas e reducionistas, recheadas de valores “moralizantes” de como a sociedade deve ser, valores que alimentam manifestações reacionárias, violentas e conservadoras, em versões requentadas da receita antiga da extrema direita fascista.

A guerra entre a Rússia e a Ucrânia não é apenas uma guerra no sentido estrito, mas também uma guerra de versões sobre a origem e o desenrolar dos acontecimentos que a desencadearam, sobre a construção de uma realidade, sobre verdades e mentiras. Uma guerra de informações e desinformações, com muitos números e fatos chocantes que se espalham rapidamente pela Internet, pondo em segundo plano o fato de que se trata, afinal, de uma guerra motivada por interesses geopolíticos e econômicos complexos, que envolvem outros atores além de Rússia e Ucrânia, com destaque para os EUA.

1 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/14/homem-se-algema-a-porta-de-mcdonalds-contr-a-fechamento-de-lojas-na-russia.htm>. Acesso em: 03 maio 2022.

2 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/facebook-flexibiliza-restricao-a-posts-que-pedem-a-morte-de-militares-russos.shtml>. Acesso em: 03 maio 2022.

3 Disponível em: <https://theintercept.com/2022/02/25/facebook-neonazistas-da-ucrania-contr-a-russia/>. Acesso em: 03 maio 2022.



Nas batalhas externas e internas dos Estados e mercados, vem ganhando cada vez mais relevância o uso da internet para controlar as narrativas. Denominamos desinformação digital em rede (DDR) quando essas narrativas possuem marcas desinformativas. Mas controle e direcionamento das informações não é algo novo. No começo do capitalismo, por exemplo, Marx (2011a) já observava a importância da imprensa na Revolução de 1848 na França, como forma de controle das classes revolucionárias, não apenas das narrativas, mas também para impedir manifestações sociais e a circulação de informações provenientes dos movimentos revolucionários.

A guerra que hoje alimenta os noticiários do mundo é apenas um exemplo da capacidade de controle das narrativas através dos meios de comunicação, ação que é histórica das frações burguesas e Estados imperialistas, mas cujo caráter mais diretamente desinformativo teve notável aceleração através da Internet. O descrédito com a ciência, o movimento antivacina e o discurso favorável aos golpes de estado com base em revisionismos históricos reacionários são exemplos disso.

Mas como analisar a relação das (des)informações com diferentes interesses socioeconômicos, em diferentes setores do capitalismo, quando elas circulam no meio digital em quantidade e velocidade desnorteantes, num processo novo de retroalimentação com as mídias tradicionais?

Propomos, para abordar essa questão observar, em linhas gerais, como as lutas de classe se desenvolvem nos processos comunicacionais e (des)informativos contemporâneos. Com isso, buscamos investigar intercursos entre a DDR e uma indústria da comunicação que intervém desde o voto do cidadão, até a soberania de uma nação.

2 DESENVOLVIMENTO

Em “Elementos fundamentais para a crítica da economia política”⁴, publicado em português como *Grundrisse*, em 2011, Marx escreve em poucos meses a base do que se tornaria no futuro “O Capital” (MARX, 2011b).

Uma das importantes análises que Marx (2011b) desenvolveu foi sobre o papel da velocidade da circulação do capital na acumulação de capital. A circulação ocorre no início e

⁴ Título original: *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*. Finalizado em 1858 e publicado pela primeira vez em 1941.



no fim da produção e vice-versa, fazendo com que todo ciclo seja mediado pelo dinheiro. A circulação do dinheiro está no ponto de partida e de retorno de todas as etapas da produção do capital, em um ciclo que determina as condições de produção. Desse modo, todas as etapas e processos da produção capitalista são trocas ou metamorfoses do capital nas diferentes fases. Quanto mais rápido esse processo de retorno, maior a acumulação do capital.

Essa aceleração está alterando a dinâmica da sociedade, ocasionando volatilidade em suas ações. O capital usa essa transitoriedade para expandir suas possibilidades de acumulação. E, ao buscar controlar essa volatilidade, envolve também controlar e manipular opiniões e gostos, construindo “novos sistemas de signos e imagens” e transformando-as em mercadorias (HARVEY, 2008).

Harvey (2008) também entende que a comunicação eletrônica acelerou e potencializou o processo de apropriação das imagens, das identidades, e se por um lado permitiu a eliminação de barreiras, paradoxalmente, criaram-se microssistemas culturais que possibilitaram a exploração de todas as pequenas diferenças espaciais. Nos meios eletrônicos ocorre a dificuldade de domínio do espaço, decorrente da fragmentação social e do vínculo entre lugar e identidade social.

A aceleração no capitalismo se tornou global com um rápido fluxo de dinheiro, pessoas, commodities, poder e informações. Os meios de comunicação eletrônicos proveram uma rápida acumulação de capital, gerando grandes corporações dominadas por fundos e seus acionistas, “capitalistas do conhecimento”. Enquanto isso, cresce o número de trabalhadores informais e desempregados que enfrentam condições precárias de trabalho e de sobrevivência, exploração e situação características da luta de classes abordadas por Marx (FUCHS, 2010).

Classe, luta de classes e consciência de classe são categorias ainda vivas e fundamentais para analisar o capitalismo e suas relações com os meios de comunicação, considerando a indústria cultural convencional (imprensa, rádio, cinema, televisão), as novas plataformas digitais em rede e suas interações. Essas categorias carregam consigo uma versão do que é o sujeito, das suas formas de relacionamento social e os movimentos que ocorrem na disputa da prevalência dos interesses de classe.

O marxismo assim como a luta de classes permeia profundamente os processos informacionais, apesar de ainda, aparentemente, permanecer pouco explorado na Ciência da



Informação. Schneider (2015) levantou três hipóteses para essa ausência teórica no campo: o predomínio de tendências instrumentais ou administrativas; o desprestígio do marxismo nas décadas de 1990 e 2000; e, a influência pós-estruturalista nas vertentes críticas.

Um importante movimento de aproximação está ocorrendo a partir dos debates no âmbito da ética da informação. O trabalho de Bianca Amorim (2017, p. 48), por exemplo, traz o método materialista histórico-dialético para problematizar

[...] o fenômeno da informação, principalmente enquanto atrelada à moral do capital, de modo que o debate sobre as possibilidades de uma informação para emancipação ou para a cidadania ampliada - com um mundo regido pela ética, pelo bem de fato – passe, antes, pela elaboração profundamente crítica sobre as condições extremamente violentas da produção informacional, enquanto processo de expropriação submetida ao capitalismo e à globalização neoliberal.

Outros autores brasileiros do campo como, por exemplo, Marcos Dantas (2017) que aborda o valor da informação, Marco Schneider (2015, 2017, 2022) atento as lutas de classe e à desinformação e Rodrigo Marques e Marta Kerr Pinheiro (2014, 2019) em seus estudos sobre política da informação e governança da Internet, são alguns exemplos da atual aproximação da Ciência da Informação com o debate marxista e a luta de classes.

2.1 Classe e Luta de Classes na comunicação

O conceito de classe social acompanha o movimento dialético da história e diferentes teorias buscam compreender as classes sociais, como, entre outras, as desenvolvidas por Marx, Weber, Bourdieu, Negri, Žižek e Hardt, importantes teóricos para a pesquisa sobre o tema (GROHMANN, 2016).

Cientes das possibilidades teóricas de análise, iremos nos apoiar principalmente nos estudos marxianos e marxistas, partindo do entendimento de Haddad (1997), que compreende o estudo das classes sociais como um objeto primeiramente da Economia Política.

As classes sociais são historicamente determinadas, como exposto na célebre frase no Manifesto do Partido Comunista (1848) em que Marx e Engels (2008, p. 10) afirmam que “a história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classes”. A frase, escrita no calor do período revolucionário francês, marca a compreensão de que as mudanças históricas apenas criavam novas classes e novas formas de luta. Foram as estruturas de classe do início do capitalismo e as lutas de classe nessas sociedades que serviram de base para a



teoria marxista, que foi influenciada também pelo movimento da classe trabalhadora na vida política (BOTTOMORE, 2021).

Para compreender o conceito de classe na teoria marxista, é fundamental estabelecer cada contexto. A classe tem como base o relacionamento entre as pessoas e a propriedade dos meios de produção, a consequente exploração econômica e as relações sociais de subordinação e domínio (PATNAIK, 2020).

As mídias atuais, centralizadas em poucas empresas, detém poder e controle sobre o fluxo de informações globais na coleta de dados pessoais (ZUBOFF, 2021). Essa centralização do poder e a dinâmica da comunicação via Internet são mais exemplos da importância do debate sobre relações entre as classes sociais, a informação e a comunicação.

Entretanto, a análise marxista atual precisa “[...] enquadrar essas diversas lutas em uma teoria coerente e determinar empiricamente a importância específica das lutas de classes em condições estruturais e históricas diversas”, compreendendo as alianças entre diferentes grupos sociais, entre os que dominam e os que são dominados (BOTTOMORE, 2021, p. 356).

Apesar de Marx e Engels nunca terem desenvolvido mais sistematicamente uma teoria sobre as classes e a luta de classes, ao menos do mesmo modo que fizeram sobre o trabalho e o capital, suas obras empregavam o conceito de classe conforme os diferentes níveis de abstração de suas análises. Além disso, Marx elaborou o conceito de “frações de classe”, divisões internas dentro das classes com ideologias e projetos próprios, para ajudar a compreender os diferentes interesses de setores da burguesia e do proletariado (BUONICORE, 2009).

Cientes dos diferentes níveis de abstração possíveis ao se analisar as lutas de classe, para esse artigo nos restringiremos aos meios de comunicação como uma categoria ampla de corporações que dominam as propriedades de comunicação e suas plataformas.

Os meios de comunicação, assim como outras fontes de capital e poder, estão concentrados nas mãos de uma pequena elite, sejam como donos ou gestores, e se constituem em um importante aspecto na análise das classes sociais. A questão das classes sociais é muitas vezes “invisível, minimizada ou silenciada em parte da mídia e da produção jornalística contemporânea” (JAKOBSSON; LINDELL; STIERNSTEDT, 2021, p. 13, tradução nossa).



Entretanto, os meios de comunicação não devem apenas ser criticados sobre seu silenciamento, mas também sobre as formas e o conteúdo do processo de comunicação. Grohmann (2016) aponta que são nas relações que o processo de comunicação e as classes se efetivam e, portanto, existem classes e luta de classes na produção de sentido e na circulação do capital.

Fuchs (2012), em uma abordagem crítica dos estudos sobre a Internet, propõe uma análise dos antagonismos no relacionamento entre a Internet e a sociedade, mostrando como a dominação e a exploração são estruturadas, como moldam a Internet e como a formação das classes e as potenciais lutas de classe são tecnologicamente mediadas. Greaves (2015) concorda com Fuchs sobre como as redes são usadas nos processos de dominação, mas observa que essas mesmas forças criam contradições que poderiam permitir seu uso também pelo “proletariado digital” em uma luta nas arenas tecnológicas.

Pavimentando o espaço do debate das lutas de classe na comunicação, Mattelart (1979) afirma que as teorias de classes trazem para os estudos em comunicação a possibilidade de observar a realidade das classes e suas lutas nas defesas de seus interesses, pois permite compreender a realidade, as mensagens e os relacionamentos sociais além de suas aparências e conteúdos explícitos, contrariando a noção de que todos são livres para receber, expressar e transmitir informações.

2.2 Internet e o novo teatro da luta de classes

Ao analisar as lutas de classe ocorridas na França desde 1848 a 1870, no prefácio da obra de Marx “As lutas de classes na França”, Engels comenta como as batalhas nas ruas haviam mudado, não sendo mais possível o uso de barricadas e a atuação de combatentes civis contra militares treinados e melhor armados: “modificaram-se as condições da guerra entre os povos, modificaram-se não menos as da luta de classes. Foi-se o tempo dos ataques de surpresa, das revoluções realizadas por pequenas minorias conscientes à testa de massas sem consciência” (MARX, 2012, p. 22).

A análise militar de Engels sobre o teatro de batalha das lutas de classes durante as revoluções francesas, mostra que o espaço das revoluções estava mudando. Fisicamente inclusive, como apontam Ponge e Machado (2014, p.69) ao lembrar que parte das motivações das transformações urbanísticas de Paris no século XIX tinha o objetivo “[...] de manter a ordem, de impedir, dificultar e reprimir manifestações, barricadas ou sublevações” com a



eliminação de becos e ruas estreitas, substituídos por grandes avenidas que facilitariam o movimento das tropas caso fosse necessário conter manifestações populares.

A manipulação do espaço sempre foi usada para reprimir e dificultar a organização das classes pelo capitalismo. Debord (2016), ao avaliar a questão do espaço, aborda o urbanismo como a posse do ambiente natural pelo capitalismo, para servir de formas de separação, individualizando os trabalhadores, evitando suas reuniões, protegendo as classes dominantes.

O que pode então significar o espaço da Internet na atualidade, sobre como ocorrem as comunicações sociais e as lutas de classes? Seria a Internet e seus recursos comunicacionais, informacionais e imagéticos, além de uma modalidade de exploração econômica, uma forma de dominação social a partir do controle do espaço para a apresentação de suas imagens para uma sociedade do espetáculo, como sugere Debord, ainda que repaginada?

Estamos cientes do intenso e importante debate sobre se o internauta, não remunerado, estaria produzindo valor e mais-valor, ideia defendida por Fuchs, Dantas e outros estudiosos sobre o tema. Sem nos atermos a esse debate, pode ser relevante abordarmos aqui o que move o sujeito revolucionário no contexto das lutas de classe. Recorremos a Lenin (2020) que ao criticar a espontaneidade economicista dos movimentos operários desconectados da consciência socialista, da social-democracia revolucionária, vão justamente na direção da subordinação à ideologia burguesa. Para Lenin (2020, p. 85)

A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprenderem, com base em fatos e acontecimentos políticos concretos e, além disso, necessariamente prementes (da atualidade), a observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações da sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar na prática a análise materialista e a apreciação materialista de todos os aspectos da atividade e da vida de todas as classes, camadas e grupos da população.

Dessa forma, a luta de classes vai além das questões econômicas ou mesmo das relações de produção. Para Losurdo (2015, p. 27), a noção de lutas de classes, no plural, “[...] remete à multiplicidade de configurações que as lutas de classes podem assumir”, a opressão de gênero, racial e social, além da miséria e da violência decorrentes, são alguns exemplos que impulsionam o sujeito revolucionário.

Fuchs (2010, p. 194, tradução nossa) argumenta que “o proletariado constantemente cria e recria espaços de experiências comuns, como a Internet, instituições educacionais,



espaços de conhecimento e cultura a partir de suas práticas”. Esses espaços e experiências são apropriados e explorados pelo capital.

Para Fuchs (2010), portanto, há uma relação de exploração econômica na Internet que permite a dominação de classe e que reforça a luta de classes. Podemos avaliar que esse processo se tornou global e a exploração ultrapassa fronteiras físicas e culturais através do consumo de imagens e de informações que definem as sociedades e os comportamentos sociais e individuais.

Para Fontenelle (2002) a construção de uma “cultura da imagem” vai se tornando um bem de consumo, consumo como estilo de vida, como realidade, a relação entre o aumento constante da velocidade do capitalismo através das tecnologias e suas aplicações na sua organização social, se relacionam além da produção, estando em todos os aspectos da vida social e ocasionando um distanciamento entre os indivíduos, resultando na fragmentação de suas subjetividades.

Desse modo, é possível que a perda ou o enfraquecimento da identidade de classe dos sujeitos seja uma forma de dominação que vai além da alienação do trabalho. Uma forma de enfraquecer a luta de classes. Isso ocorre não apenas como consequência da transformação da mercadoria em imagem e da imagem em mercadoria, mas também de sua relação com a subjetividade fragmentada, como resultado do enfraquecimento da capacidade crítica do indivíduo ao se ver sem identidade laboral compartilhada, ocasionando entre outros fatores a perda da capacidade de reação política em defesa de seus interesses. Como nos lembra Fuchs (2012), a relação entre a sociedade e a internet interfere na formação e nas lutas de classe.

O controle das imagens e informações limita o próprio reconhecimento dos indivíduos sobre sua situação de classe, sendo assim uma forma de dominação. Como nos lembra Debord, a diversidade do espetáculo tem limites propositalmente definidos pelo poder. Sua aparência esconde a luta de classes, fazendo com que a realidade do espetáculo fosse como uma lei, uma regra inevitável, como um desenvolvimento natural. Essa realidade, quando apresentada nos meios de comunicação de massa, se apresenta como instrumento da dominação de classe (DEBORD, 2016).

Se consideramos a proposta de Fuchs (2010) de adotarmos o conceito econômico de multidão de Hardt e Negri, ou seja, sobre uma grande massa de pessoas sob a mesma



condição econômica de trabalhador espectador, a fragmentação da identidade seria uma forma de descaracterizar, de desconstituir uma classe e retirar seus direitos democráticos de participação. A ideia de fragmentação já foi observada por Marx em sua análise sobre a revolução de 1848, ao abordar o papel do campesinato no apoio a Napoleão III:

Assim, a grande massa da nação francesa se compõe por simples adição de grandezas homônimas, como batatas dentro de um saco constituem um saco de batatas. Milhões de famílias existindo sob as mesmas condições econômicas que separam o seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura do modo de vida, dos interesses e da cultura das demais classes, contrapondo-se a elas como inimigas, formam uma classe. Mas na medida em que existe um vínculo apenas local entre os parceiros, na medida em que a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, eles não constituem classe nenhuma. Por conseguinte, são incapazes de fazer valer os interesses da sua classe no seu próprio nome, seja por meio de um Parlamento, seja por meio de uma convenção. Eles não são capazes de representar a si mesmos, necessitando, portanto, ser representados (MARX, 2011a, p. 143).

Marx (2011) também argumentava que o isolamento dos camponeses era favorecido pelos péssimos meios de comunicação, que incluíam estradas e transportes, que não permitiam que eles se reconhecessem como classe e integrassem interesses, somados aos limites de seus aprendizados e de organização social. Atualmente, a facilidade de comunicação pela Internet ocasiona um isolamento decorrente da construção da subjetividade através do consumo de imagens e de informações previamente determinadas, não permitindo ao indivíduo realizar a crítica de sua situação de classe e limitando seu aprendizado.

Nesse ponto, a análise de Comparato (2000-2001) pode nos dar uma pista mais clara de que esses processos de dominação não são apenas efeitos colaterais do capitalismo e de sua aceleração pelo lucro. O autor afirma que a legitimidade e o reconhecimento social é fundamental para os detentores do poder em qualquer contexto social. Com isso, se obtém uma submissão voluntária e pacífica dos subordinados e um exercício estável do poder. E como toda forma de relacionamento social requer um espaço próprio de comunicação, a internet e os oligopólios empresariais atuais dominam e desfavorecem a participação pública efetiva em suas ações.

Os interesses de classe, portanto, são mediados também pelos proprietários dos meios de comunicação e plataformas digitais em rede, que atuam na manipulação, ocultamento e amortização da luta de classes, reduzindo a participação cidadã e favorecendo a delegação a



representantes sociais que são formados a partir da construção da realidade na sociedade do espetáculo.

2.3 Desinformação e fascismo

Matellart (1979, p. 33), ao analisar os movimentos das lutas populares que se espalhavam na América Latina nos anos 1970, considerava imperativo compreender o significado das mensagens na comunicação da mídia burguesa, aliada as políticas imperialistas e “em vias de se tornar abertamente fascista”, assim com o modo de produção dessas mensagens na então chamada “cultura de massa”.

Nos fins dos anos 1980, Abramo (2016) abordou a questão da manipulação das informações pela imprensa, propondo cinco categorias definidas como padrões de ocultação, fragmentação, inversão, indução e global, demonstrando diferentes formas de manipular a informação. Para o autor, a manipulação das informações cria e leva os indivíduos a habitarem um mundo irreal e, portanto, manipulando também a realidade, com o objetivo de alienar a sociedade e impedir uma ação que não seja do interesse de quem a manipula.

Mais de 40 anos depois, diferentes publicações nacionais e internacionais buscam compreender o avanço da extrema direita no mundo, seus ideais fascistas, como e porquê houve um crescimento no apoio da classe trabalhadora à agenda populista da extrema direita. Jakobsson, Lindell e Stiernstedt (2021) levantam duas narrativas relacionadas às mídias que explicariam esse avanço: a desinformação espalhada pelas mídias sociais, fomentando um sentimento de ódio que leva as classes trabalhadoras à extrema direita; e a adoção, pela mídia dominante, de valores culturais associados às elites, somado à negligência do jornalismo corporativo em relação à realidade das classes trabalhadoras.

Márcio Tavares (2021) lembra que ocorrem manifestações opositoras aos avanços progressistas dos últimos 50 anos, desde os anos 1990. A direita estadunidense se apropriou do conceito sociológico de “guerra cultural”, transformando-o em uma plataforma política reducionista e em uma forma de ativismo dos reacionários estadunidenses. No Brasil, especialmente através da DDR, a guerra cultural é impulsionada como forma de manipulação política.

Manipulação, desinformação, negligência. A mentira foi ganhando novas roupagens e formas de circulação, tornando-se então fundamental compreender esses processos. Wardle e Derakhshan (2017, p. 20) ressaltam a importância de se distinguir mensagens verdadeiras



das falsas e daquelas que são “criadas, produzidas ou distribuídas por agentes que pretendem causar prejuízos”, propondo uma terminologia em três categorias:

- **Desinformação** [Dis-information]. Informações falsas e criadas deliberadamente para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país.
- **Informação equivocada** [Mis-information]. Informações falsas, mas que não foram criadas com a intenção de causar prejuízo;
- **Má informação** [Mal-information]. Informação baseada na realidade, usada para impor prejuízos a uma pessoa, organização ou país;

Categorizar o uso das informações veiculadas com o objetivo de manipular, enganar, falsificar ou mentir, é uma forma de conhecer e combater com maior efetividade seu impacto na sociedade. No fim, ao tratarmos de mentiras, estamos buscando as verdades, que, como observam Schneider e Pimenta (2019), seja qual for a opinião ou a crença, “[...] são sempre, embora não somente, expressões de relações sociais de poder. Sua principal dimensão política está na luta social entre o esclarecimento e a mistificação, a qual, em última instância, remete à luta entre liberdade e opressão”. À luta de classes.

O aviso de Mattelart foi preciso. As mídias, aliadas ou dominadas pelo imperialismo, continuam a ser instrumentos de dominação e exploração. E como nos mostra Márcia Tiburi (2021, p. 97), para que as oligarquias que dominam o poder econômico e midiático possam permanecer com seus projetos de exploração, não importa que o caminho seja o fascismo, que acoberta o neoliberalismo e “se desenvolve, hoje, sob novas condições históricas e microtecnológicas”.

Fascistas não são somente figuras caricatas que nos remetam ao nazifascismo da Segunda Guerra Mundial, apesar de existirem muitos assemelhados. Como argumenta Ricardo Antunes (2019) ao abordar o ódio fomentado para levar ao fim o governo petista, nas classes médias, em seus setores mais conservadores, estão “[...] desde liberais, conservadores, até defensores da ditadura militar, passando por protofascistas e fascistas” tentando garantir a dominação burguesa a qualquer custo.

Ignorar o fato de que os modos de informação são forças sociais e que seus dispositivos e usos são controlados “permite um renascimento do fascismo nas velhas formas de transmissão e nas novas mídias digitais da pós-verdade” (SCHNEIDER; PIMENTA, 2017, p. 75, tradução nossa).



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das trincheiras da revolução francesa do século XIX ao “fascismo à brasileira” atual, a luta de classes permanece viva. Observar as lutas de classe nos processos de comunicação e informação permite compreender suas contradições e entender como ocorre o uso das ferramentas tecnológicas para dominação e exploração, mormente mediante a DDR em seu intercurso de retroalimentação com setores importantes da grande mídia corporativa. Mesmo não estando de acordo em todas as pautas, os atores envolvidos costumam estar afinadíssimos no que diz respeito à pauta macroeconômica, de matiz neoliberal.

As classes sociais são atravessadas por inúmeras dinâmicas que confrontam a subjetividade. Nelas ocorrem diferentes formas de opressão e dominação, sendo a internet um dos principais espaços da luta de classes contemporânea.

O controle dos meios de comunicação, em especial os espaços digitais, atende ao capitalismo tanto em sua necessidade de aceleração da circulação e da reprodução ampliada do capital, quanto alterando as relações sociais e levando o indivíduo a perdas de vínculo de lugar e de identidade social. Em meio a esse processo, aumentam os antagonismos de classe sem o correspondente amadurecimento da consciência de classe, favorecendo a não identificação de grupos sociais de iguais condições econômicas e modos de vida como uma classe. Essa situação cria, por assim dizer, um espaço acústico que amplifica o apelo do canto de sereia fascista.

A tentativa de anulação ou captura do potencial rebelde das massas não é um movimento recente do capitalismo, mas ganha proporções globalizadas com as atuais tecnologias de comunicação, fazendo com que a própria ideia de comunidade seja colonizada por grandes corporações a partir do consumo como modo de viver e de ser.

A desinformação é um recurso usado para manipular, confundir, enganar, excluir, mentir e tantos outros, formas de tentar ocultar a luta de classes, de construir realidades falsas e de proteger os interesses das oligarquias que dominam o poder econômico e os meios de comunicação e mediação da informação.

O fascismo, que desde que nasceu sempre esteve presente, mas dissimulado após 1945, no mundo de hoje é o grande beneficiário da conjunção da manipulação informacional com a tecnologia, mormente no âmbito da DDR.



A luta contra o fascismo é uma luta contra a desinformação e, fundamentalmente, um momento decisivo da luta de classes.

Cientes dos limites teóricos abordados quanto ao debate proposto, acreditamos que a análise da luta de classes no âmbito da DDR pode colaborar com a compreensão das fragmentações sociais, bem como com ações que permitam espaços compartilhados de combate à exploração e à dominação social.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. Significado político da manipulação na grande imprensa. *In*: ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.
- AMORIM, B. R. P. Produção informacional na era do capitalismo neoliberal: uma crítica ética e dialética. *IRIE*, [S. l.], v. 26, n. 12, 2017. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/278/276>. Acesso em: 19 ago. 22.
- ANTUNES, R. A era das contrarrevoluções e o novo estado de exceção. *In*: LUCENA, C.; PREVITALI, F. S.; LUCENA, L. **A crise da democracia brasileira**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.
- BOTTOMORE, T. (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, 2021.
- BUONICORE, A. **Marxismo, história e revolução brasileira**: encontros e desencontros. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.
- COMPARATO, F. K. A democratização dos meios de comunicação em massa. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 6-17, 2000-2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32887>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- DANTAS, M. Information as work and as value. **tripleC**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 816-847, 2017. Disponível em: Acesso em: 14 nov. 2021.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. Edição eletrônica.
- FONTENELLE, I. A. **O nome da marca**: McDonald's, fetichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo, 2002.
- FUCHS, C. Towards Marxian Internet Studies. **tripleC**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 392-412, 2012. Disponível em: <https://www.triple-c.at/index.php/triplec/article/view/277>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- FUCHS, C. Labor in Informational Capitalism and on the Internet. **The Information society**, [S. l.], v. 26, issue 3, p. 179-196, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01972241003712215>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- GREAVES, M. The Rethinking of Technology in Class Struggle: Communicative Affirmation and Foreclosure Politics. **Rethinking Marxism**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 195–211, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08935696.2015.1007792>. Acesso em: 30 jan. 2022.



- GROHMANN, R. **As classes sociais na comunicação**: sentidos teóricos do conceito. 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-17032017-154338/pt-br.php>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- HADDAD, F. Trabalho e classes sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 97-123, out. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/WBXRd49XQvz4YKq5b3tFXWz/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 15 fev. 2022.a
- HARDY, J. **Critical political economy of the media**: an introduction. London: Routledge, 2014.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- JAKOBSSON, P.; LINDELL, J.; STIERNSTEDT, F. Introduction: Class in/and the media: On the importance of class in media and communication studies. **Nordicom Review**, [S. l.], v. 42, n. s3, p. 1-19, April 2021. Disponível em: <https://www.sciendo.com/article/10.2478/nor-2021-0023>. Acesso em 30 jan. 2021.
- LOSURDO, D. **A luta de classes**: uma história política e filosófica. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MARQUES, R. M.; PINHEIRO, M. M. Informação e poder na arena da Internet. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/15252>. Acesso em: 21 ago. 2022.
- MARQUES, R. M.; PINHEIRO, M. M. K. Vozes do vale do silício expõem a polarização do conhecimento na era da informação. **Educação Temática Digital**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 960–978, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8652898>. Acesso em: 21 ago. 2022.
- MARX, K. **As lutas de classes na França**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política. São Paulo: 2011b.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, K. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011a.
- MATTELART, A. Introduction: for a class analysis of communication. In: MATTELART, A; SIEGELAUD, S. (ed.). **Communication and class struggle**: 1. capitalism, imperialism. New York: International General; Bagnolet, FR: IMMRC, 1979. v.2.
- PATNAIK, Utsa. 10. Classe e luta de classes. In: SAAD FILHO, Alfredo; FINE, Ben. **Dicionário de economia política marxista**. São Paulo: Expressão Popular, 2020. p. 97-104.
- PONGE, R.; MACHADO, N. H. N. As transformações urbanísticas de Paris no século XIX: análise e reflexões. **Revista XIX**, n. 1, p. 69-89, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21292/19641>. Acesso em: 05 mar. 2022.



SCHNEIDER, M. **Dialética do gosto**: informação, música e política. Rio de Janeiro: Circuito/FAPERJ, 2015.

SCHNEIDER, M. Hegel e a Desinformação Digital em Rede. In: SALDANHA, G.; CASTRO, P. C.; PIMENTA, R. (orgs.). **Ciência da Informação**: sociedade, crítica e inovação. Rio de Janeiro: Ibict, 2022. p. 199-220.

SCHNEIDER, M. Referências cruzadas 2: Marx e a ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015. João Pessoa, PB. **Anais** [...]. João Pessoa, PB, UFPB, 2015. p. 1-15. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/3063/991>. Acesso em: 19 ago. 22.

SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. M. Walter Benjamin e a pós-verdade. **Carta Maior**, [S. l.], 06 dez. 2019. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultura/Walter-Benjamin-e-a-pos-verdade/52/46008>. Acesso em: 23 jan. 2022. Não paginado.

SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. M. Walter Benjamin's Concept of History and the plague of post-truth. **IRIE**, Alberta, CA, v. 26, 2017. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/280>. Acesso em: 23 jan. 2022.

TAVARES, M. Guerra cultural: das origens a Bolsonaro. In: RUBIM, A. A. C.; TAVARES, M. (org.). **Cultura e política no Brasil atual**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. p. 57-78.

TIBURI, M. A ascensão fascista no Brasil. In: RUBIM, A. A. C.; TAVARES, M. (org.). **Cultura e política no Brasil atual**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. p. 95-108.

WARDLE, C.; DERAKSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. [S. l.]: Council of Europe, 2017. 109 p.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.